



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

As Metas Preconizadas para a Educação e a Pesquisa Integrada às Práticas Atuais 4



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

As Metas Preconizadas para a Educação e a Pesquisa Integrada às Práticas Atuais 4

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Me. Heriberto Silva Nunes Bezerra – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof^a Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
M587	<p>As metas preconizadas para a educação e a pesquisa integrada às práticas atuais 4 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-86002-92-8 DOI 10.22533/at.ed.928201304</p> <p>1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Professores – Formação – Brasil. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370.71</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Toda cultura científica deve começar por uma catarse intelectual e afetiva. Resta, então, a tarefa mais difícil: colocar a cultura científica em estado de mobilização permanente, substituir o saber fechado e estático por um conhecimento aberto e dinâmico, dialetizar todas as variáveis experimentais, oferecer enfim à razão razões para evoluir. (Gaston Bachelard).

A pesquisa integrada às práticas atuais é um fenômeno que, inegavelmente, converge para a necessidade de mudança nos programas formativos voltados para modelos meramente instrucionistas e burocratizados, uma vez que na atualidade a competência do profissional docente deve ir muito além das fronteiras disciplinares e dos procedimentos de transmissão do conhecimento. O formalismo que tem contornado a pesquisa de muitas de nossas universidades coloca o ensino em uma posição ambígua, pois, de um lado, ele é supervalorizado, muito embora de forma equivocada, já que a instrução tem sido o seu maior motivo de existência; de outro, ele é menosprezado, porquanto a pesquisa, para muitos, é atividade inegavelmente mais nobre que ensino, essa querela atravessa diariamente as portas da universidade e invade o cotidiano das escolas, tendo como porta-voz um professor programado para 'dar' aulas, aplicar provas, atribuir notas, aprovar ou reprovar os alunos. Estas vítimas de um sistema de ensino ultrapassado e reprodutor de ideologias dominantes, prosseguem toda a sua vida escolar na posição de receptáculos de conteúdo, ouvintes acomodados e repetidores de exercícios vazios de sentido e significado. Esse é um fato por nós conhecido, o qual requer ordenamentos políticos, econômicos e pedagógicos para assegurar o desenvolvimento de uma nova cultura docente. Cultura esta que demanda a presença da pesquisa como princípio científico e educativo, tal como formulado

A pesquisa vem sendo, cada vez mais, foco de discussões em diversos contextos educativos, em diferentes campos do conhecimento. Na área da educação, apresentam-se argumentos que discutem a pesquisa enquanto dispositivo para um desenvolvimento imaginativo que incentiva e possibilita reflexões, tomadas de decisões, resoluções de problemas e julgamentos que valorizam o aluno enquanto protagonista de seu próprio processo de aprendizagem. Pensar sobre a pesquisa na educação implica considerar diferentes aspectos, envolvendo questões sociais, culturais, psicológicas, antropológicas, históricas e políticas nas mais diversas dimensões da vida. A pesquisa vem sendo compreendida como uma demanda social, principalmente no que se refere aos processos de aprendizagem. É importante perceber como a pesquisa é relevante para todos os aspectos da aprendizagem. Esses argumentos repercutem no âmbito educacional, à medida que se compreende a importância de que os estudantes tenham a oportunidade de se posicionar diante de situações com autonomia, tomando decisões e construindo

suas identidades, incertezas, complexidades, progressos e mudanças e isto vêm gerando desafios e problemáticas imprevisíveis, requerendo soluções criativas. Nesse sentido, a educação, de modo geral, deveria acompanhar essas mudanças e desafios da atualidade. Os trabalhos destacam a relevância das pesquisas a importância das práticas criativas nos processos de ensino e aprendizagem, o incremento dessas práticas em diferentes contextos educacionais. É importante destacar que, as pesquisas são utilizadas de forma distinta para definir os campos teórico-conceituais e da prática educativa. Desse modo, a pesquisa se refere ao estudo das teorias, conceitos e definições. É evidente que a importância da pesquisa, a problematização nos tempos atuais, enfatizando a essência do diálogo, que consiste na ação e na reflexão do conhecimento do homem frente à realidade do mundo, interpretando-o, tendo em vista a possibilidade de se vislumbrar um mundo bem.

Por fim não apenas recomendo a leitura dos textos do e-book “As Metas Preconizadas para a Educação e a Pesquisa Integrada às Práticas Atuais” e dos 97 artigos divididos em 04 volumes, mais do que isso, sugiro o estudo efetivo a fim de mobilizar nossas mentes a promover o debate ainda mais acirrado diante da conjuntura política dos tempos atuais, a fim de fortalecer o movimento cotidiano.

Boa leitura!!!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SEMENTÁRIO E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, QUAL A RELAÇÃO?	
Silvia Naiane Jappe	
Beatriz Helena Gomes Rocha	
Vera Lucia Bobrowski	
Thais Monteiro Miranda	
Julio Cesar Paes Jácome de Araujo Filho	
Aldo Girardi Pozzebon	
DOI 10.22533/at.ed.9282013041	
CAPÍTULO 2	9
UMA ANÁLISE MULTICRITÉRIO PARA USO DE METODOLOGIAS ATIVAS NO EAD	
Fabiano de Paula Soldati	
Eduardo Gomes de Oliveira	
Gustavo Oliveira Rodrigues	
Paôla Pinto Cazetta	
Matheus Licazali Novais	
Alessandro dos Santos Rodrigues	
Arthur Webster Moreira	
Joel Peixoto Filho	
DOI 10.22533/at.ed.9282013042	
CAPÍTULO 3	21
VIOLÊNCIA ESCOLAR E A PRÁTICA DO <i>BULLYING</i> ENTRE OS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II DA ESCOLA DE APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ	
Luciano Tadeu Corrêa Medeiros	
Elianay Wilkerson da Silva Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.9282013043	
CAPÍTULO 4	43
VIOLÊNCIA, INDISCIPLINA NA ESCOLA E SÍNDROME DE <i>BURNOUT</i> EM DOCENTES: ALGUMAS APROXIMAÇÕES	
Ana Paula dos Santos Silva	
Fernando César Bezerra de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.9282013044	
CAPÍTULO 5	56
GÊNERO E ENSINO SUPERIOR: A INSERÇÃO DE MULHERES NO CURSO DE ELETROTÉCNICA INDUSTRIAL DO INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO – CAMPUS PONTES E LACERDA	
Maria Eduarda Araujo de Aquino	
Joyce Brito Silva	
Jessica Aparecida Cássia dos Santos	
Bruna Garcia Fonseca	
Aline Pereira Dutton	
DOI 10.22533/at.ed.9282013045	
CAPÍTULO 6	65
O LUGAR DA AFETIVIDADE RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: REFLEXÕES A PARTIR DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL	
Rafaella Almeida Aragão	
Alexsandra Maria Sousa Silva	

CAPÍTULO 7 73

A INTERSEÇÃO DA CULTURA ASPECTOS INDIVIDUAIS NA POPULAÇÃO TRANSGÊNERO

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Yubis Pereira Martins

Monique Delgado

Melissa Camilo

Débora Cristina Machado Cornélio

Dayana Almeida Silva

Valquiria Nicola Bandeira

Marilurdes Cruz Borges

DOI 10.22533/at.ed.9282013047

CAPÍTULO 8 86

ENSINO DE ASTRONOMIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANÁLISE DE TRABALHOS DOS ENPEC'S DE 2009 ATÉ 2017

Érika de Sousa Azevedo

Evonir Albrecht

DOI 10.22533/at.ed.9282013048

CAPÍTULO 9 94

INCENTIVO À LEITURA POR MEIO DE POESIA NA ESCOLA COMO ATIVIDADE LÚDICO INTERPRETATIVA

Vinícius Melo de Freitas

Luân Felipe Valente Souza

DOI 10.22533/at.ed.9282013049

CAPÍTULO 10 104

DESAFIO DOCENTE FRENTE AO DIÁRIO ONLINE NA EEM JOSEFA BRAGA BARROSO NO MUNICÍPIO DE MIRAÍMA-CE

Maria Darliane Araújo de Souza

Antônia Evangelina Custódio Gonçalves

Roberta Bussons Rodrigues Valério

DOI 10.22533/at.ed.92820130410

CAPÍTULO 11 113

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NO CONTEXTO ESCOLAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Amanda Nunes Gomes Meira

Paula Maria Nunes da Silva

Niedja de Freitas Pereira

Bruna Toso Tavares

DOI 10.22533/at.ed.92820130411

CAPÍTULO 12 125

LITERATURA SURDA: A CONSTRUÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO A PARTIR DO CONCEITO DE IDENTIDADES SURDAS DE PERLIN, UM ESTUDO DE CASO NA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA (UFRA)

Wanúbya do Nascimento Moraes Campelo

Liliane Afonso de Oliveira

Alessandra de Sousa Gonçalves

DOI 10.22533/at.ed.92820130412

CAPÍTULO 13	135
NARRATIVA E TRAJETÓRIA: ANSEIOS E MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Paula Bárbara Miranda Camilo Anderson da Cunha Baía	
DOI 10.22533/at.ed.92820130413	
CAPÍTULO 14	142
MÉTODO ALTERNATIVO PARA <i>SCREENING</i> DE POTENCIAIS NOVOS AGENTES ANTITUMORAIS	
Jordana Casemiro Pinto Monteiro Rodrigo Casemiro Pinto Monteiro Mariana Pinheiro Guimarães Pinto Regina Mara Silva Pereira Susana Nogueira Diniz	
DOI 10.22533/at.ed.92820130414	
CAPÍTULO 15	149
NÚMEROS E GRANDEZAS E MEDIDAS (QUESTÕES): O QUE DIZEM OS RESULTADOS DA AVALIAÇÃO DE MATEMÁTICA DO 6º ANO?	
Sivonaldo de Melo Sales Albaneide Silva Celestino	
DOI 10.22533/at.ed.92820130415	
CAPÍTULO 16	162
O DESPERTAR DA LIBERDADE, O USO DE <i>FACEBOOK</i> PARA A PROMOÇÃO DAS PRÁTICAS LEITORAS E ESCRITORAS: OLHARES E REPRESENTAÇÕES DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM FEIRA DE SANTANA - BAHIA	
Patrícia Trindade Nunes Tavares	
DOI 10.22533/at.ed.92820130416	
CAPÍTULO 17	173
O ENSINO DO FRANCÊS ATRAVÉS DA MÚSICA – RELATOS DE EXPERIÊNCIA SOBRE O PROJETO INTITULADO “LÍNGUA E CULTURA FRANCESA ATRAVÉS DA MÚSICA PARA ALUNOS E SERVIDORES DA UFPB E COMUNIDADE EXTERNA” – UFPB 2019	
Cynthia Silva Teixeira Lima Thayaná Carla Linhares César	
DOI 10.22533/at.ed.92820130417	
CAPÍTULO 18	179
O ENSINO DA LIBRAS COMO L2 PARA IDOSOS COMO AÇÃO DE MEDIAÇÃO DE APRENDIZAGEM NO ÂMBITO DA SAÚDE	
Ana Cristina de Sousa Costa Ana Rebeca Medeiros Nunes de Oliveira Andrea Maria Araújo Ferreira de Lima Antonio Daley Marques do Nascimento Marilene Calderaro Munguba	
DOI 10.22533/at.ed.92820130418	
CAPÍTULO 19	187
O EXAME DE PROFICIÊNCIA EM LÍNGUA PORTUGUESA DA PUCPR: UMA PRÁTICA DE LETRAMENTO ACADÊMICO NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO	
Cristina Yukie Miyaki	

DOI 10.22533/at.ed.92820130419

CAPÍTULO 20 201

O LETRAMENTO DIGITAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM DIÁLOGO
INDISPENSÁVEL NAS FORMAÇÕES CONTINUADAS

[Rhafaela Rico Bertolino Beriula](#)

DOI 10.22533/at.ed.92820130420

CAPÍTULO 21 212

ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NA GESTÃO EDUCACIONAL: IMPLICAÇÕES A PARTIR DA
PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA E TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

[Dalva Helena de Medeiros](#)

DOI 10.22533/at.ed.92820130421

SOBRE A ORGANIZADORA..... 225

ÍNDICE REMISSIVO 226

LITERATURA SURDA: A CONSTRUÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO A PARTIR DO CONCEITO DE IDENTIDADES SURDAS DE PERLIN, UM ESTUDO DE CASO NA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA (UFRA)

Data de aceite: 27/03/2020

Data de submissão: 20/12/2019

Wanúbya do Nascimento Moraes Campelo

Doutoranda em Estudos Literários (UFPA);

Docente da Universidade Federal Rural da
Amazônia – UFRA;

Belém – PA

<http://lattes.cnpq.br/0654222747775330>

Liliane Afonso de Oliveira

Doutoranda em Comunicação, Linguagens e
Cultura (UNAMA);

Docente da Universidade Federal Rural da
Amazônia – UFRA;

Belém – PA

<http://lattes.cnpq.br/6203719602753357>

Alessandra de Sousa Gonçalves

Discente do Curso de Licenciatura em Letras
Libras da Universidade Federal Rural da
Amazônia – UFRA;

<http://lattes.cnpq.br/5508861386147442>

RESUMO: A presente pesquisa busca analisar as identidades surdas dos acadêmicos surdos do curso de Letras Libras Intensivo (PARFOR) e do curso Extensivo da Universidade Federal Rural da Amazônia na perspectiva de Perlin (2002). A partir dessas análises, ponderou-se

suas respectivas identidades e a construção destes enquanto leitores literários de acordo com sua trajetória social e acadêmica. Neste diapasão, este estudo deu-se por meio de entrevista semiestruturada com docentes e discentes surdos da Instituição observando as identidades surdas em que estão inseridos, suas histórias de vida, processo de formação educacional, nos contextos familiar e escolar, aquisição da linguagem, conhecimento sobre textos literários, apreensão dos textos literários expostos no contexto acadêmico, tradução de textos literários em língua portuguesa para língua brasileira de sinais, produção e circulação de literatura surda.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Identidades Surdas. Perlin. Literatura Surda. Libras.

DEAF LITERATURE: THE CONSTRUCTION OF THE LITERARY READER FROM THE CONCEPT OF DEAF IDENTITIES OF PERLIN, A CASE STUDY IN THE AMAZON RURAL FEDERAL UNIVERSITY (UFRA)

ABSTRACT: This research seeks to analyze the deaf identities of the deaf academics of the Libras Intensive Letters (PARFOR) course and the Extensive Course of the Federal Rural

University of Amazonia from the perspective of Perlin (2002). From these analyzes, their respective identities and their construction were considered as literary readers according to their social and academic trajectory. In this tuning fork, this study was conducted through semi-structured interviews with teachers and deaf students of the institution observing the deaf identities in which they are inserted, their life histories, educational formation process, in family and school contexts, language acquisition, knowledge about literary texts, apprehension of literary texts exposed in the academic context, translation of literary texts in Portuguese to Brazilian sign language, production and circulation of deaf literature.

KEYWORDS: Teaching. Deaf Identities. Perlin. Deaf Literature. Libras.

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A comunidade surda no Brasil, conseguiu, após anos de desafios e exclusões, algumas vitórias determinantes para a sua inclusão social, como a exemplo, o reconhecimento e ampliação da cultura surda, a oficialização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como a forma de comunicação e expressão de comunidades de pessoas surdas do Brasil por meio da Lei nº 10.436, de 2002 e o Decreto 5.626 de 2005, proporcionando à pessoa surda a acessibilidade comunicacional por meio de tradutores/intérpretes que auxiliam no processo de apreensão de todas as informações contidas no contexto sócio-político, religioso, econômico e educacional.

Esta pesquisa iniciou-se durante o ensino da disciplina de Literatura visual, no curso de Licenciatura em Letras Libras do Programa de Formação de Professores para a Educação Básica – PARFOR da Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA. Na ocasião, as discussões sobre o ensino de Literatura surda e metodologias para efetivação e entendimento dessas produções literárias pela comunidade surda foram basilares para os primeiros questionamentos que impulsionaram este trabalho.

A partir das inquietações trabalhadas durante a disciplina, questionava-se como a Literatura está sendo trabalhada com os surdos na UFRA no seu curso de Letras Libras nas suas modalidades intensiva e extensiva? Qual o entendimento dos textos literários pela comunidade surda ufraniana? Quais as produções literárias dos surdos na Universidade? Qual a identidade surda desses indivíduos e como ela influenciou na apreensão dos textos literários? Eles produzem literatura? Registram esses textos? No que concerne aos docentes surdos, como e se estariam usando a literatura em sala de aula? Assim, estes questionamentos impulsionaram esta pesquisa acerca da formação da identidade surda dos membros dessa comunidade e a relação dessas identidades com a formação destes indivíduos enquanto leitores literários.

Nesse sentido, realizou-se entrevistas semiestruturada com quatro indivíduos surdos da UFRA, sendo dois professores do curso de Letras Libras e duas alunas do mesmo curso. As entrevistas foram analisadas com base nos conceitos de identidades surdas de Perlin (2002), Perlin e Strobel (2008) acerca de identidades e construção de sentidos e Sá (2002) com a história cultural dos surdos.

A partir dos resultados obtidos com essa pesquisa, pode-se refletir propostas metodológicas para o ensino de literatura para surdos, de acordo com os pressupostos de uma educação bilíngue que priorize a língua materna do sujeito surdo, a Libras.

2 | METODOLOGIA

Este trabalho consubstanciou-se em uma pesquisa explicativa, bibliográfica e de campo. Foram entrevistados, como mencionado anteriormente, quatro sujeitos surdos da UFRA, a saber, **Sujeito A:** docente Mestre em Educação, do sexo feminino, diagnosticada com Surdez aos 06 (seis) anos de idade após contrair meningite, **Sujeito B:** docente formado em Letras/Libras, cursando Doutorado na área, do sexo masculino, diagnosticado com Surdez desde seu nascimento.

Ambos docentes são filhos de pais ouvintes e os mesmos trabalham no Curso de Letras Libras do Intensivo (PARFOR) e do Extensivo. **Sujeito C:** discente graduanda do 2º semestre do curso de Letras/Libras do sexo feminino, diagnosticado com Surdez desde seu nascimento e o **Sujeito D:** discente graduanda do 5º semestre do curso de Letras/Libras do sexo feminino, diagnosticada com Surdez Congênita aos 08 (seis) meses de idade após um nascimento prematuro. As alunas fazem parte do Curso Extensivo da UFRA. Todos os entrevistados são nascidos no estado do Pará, região Norte do Brasil.

Os dados coletados foram tratados por uma abordagem metodológica de cunho qualitativo e quantitativo, a fim de ressaltar a descrição e averiguação das percepções sociais dos sujeitos envolvidos, facilitando o entendimento de como se processa a compreensão da literatura e os fenômenos sociais que cercam estes sujeitos surdos entrevistados.

Para a realização do estudo foi feito o convite verbal aos discentes e docentes da UFRA, apresentando-lhe os objetivos deste trabalho por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Obtido o consentimento, em dia e horário pré-agendados, procedeu-se a coleta dos dados, feita por meio de entrevistas semiestruturadas que foram gravadas e traduzidas da Libras para o português por meio dos intérpretes da instituição.

3 | DESENVOLVIMENTO

A comunidade surda sempre buscou, por meio do visual se expressar, assim percebe-se que a cultura surda composta de significados e significantes vem ganhando espaço na sociedade, tendo em vista que esse grupo minoritário de surdos começa a se encontrar em lugares públicos e as narrativas entres eles passam a tomar forma, pois é nesse meio que o surdo tem a oportunidade de se reconhecer enquanto sujeito surdo e também aprender e trocar conhecimento sobre a cultura surda.

Quadros e Karnopp (2004) argumentam que a língua portuguesa é uma língua de modalidade oral-auditiva e a Libras tem como modalidade de comunicação o canal viso-espacial. Neste sentido, para entendermos o conceito de comunidade surda, Perlin e Strobel (2008, p. 29) nos diz que:

A Comunidade surda de fato não é só de sujeitos surdos, há também sujeitos ouvintes membros de família, intérpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns em uma determinada localização. Em que lugares? Geralmente em associações de surdos, federações de surdos, igrejas e outros.

Nota-se que no conceito de Comunidade surda apresentado pela autora, não está inserido apenas o sujeito surdo, mas sim, um todo, seja ele ouvinte ou surdo. A comunidade surda é bem heterogênea, o que torna a interação entre os sujeitos surdos ainda mais dinâmica, pois cada pessoa surda é diferente uma da outra.

Essas diferenças podem dificultar o processo de aquisição não somente da Língua de Sinais, mas como também na construção de leitor literário, pois cada pessoa surda tem sua característica, seu perfil e, principalmente, o modo de aprender diferenciado.

Podemos destacar as Identidades Surdas que segundo Perlin (2013, p. 62-65) fazem parte das representações culturais das pessoas surdas e podem ser definidas como, identidade flutuante; identidade de transição; identidade híbrida; identidade surda; identidades surdas de diáspora; identidades intermediárias; identidade surda incompleta.

A partir dessas identidades surdas (PERLIN, 2013, p. 64-65), analisamos os indivíduos surdos entrevistados e identificamos suas respectivas identidades e a construção deles enquanto leitores literários de acordo com sua trajetória social e acadêmica.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os quatro surdos entrevistados para esta pesquisa, responderam aos seguintes questionamentos:

PERGUNTAS	
1	Qual sua história de vida, alfabetização, formação escolar e sua formação enquanto leitor?
2	Lia textos literários na escola?
3	Quais?
4	Qual era o seu entendimento em relação às construções metafóricas dos textos literários?
5	Ao longo da formação acadêmica ele teve contato com a literatura?
6	Quais textos literários?
7	Tem contato ou conhecimento de surdos que produzam Literatura?
8	Quais?
9	Esses textos literários escritos por surdos são registrados como?
10	Enquanto docente você usa textos literários em sua prática pedagógica?
11	Você elabora metodologias específicas para que os alunos surdos possam acompanhar às aulas em que são apresentados textos literários?
12	Qual a importância que você atribui à apresentação de textos literários e literatura surda nos cursos de Letras Libras?

FONTE: (CAMPELO, 2019).

O sujeito A, em relação ao primeiro questionamento, nos mostra como se deu esse processo na sua vida:

“nasci ouvinte na década de 80, filha de pais ouvintes, então a minha infância não foi difícil porque eu era ouvinte, antes dos cinco anos a minha mãe estava me ensinando a ler, a escrever, a separar em sílabas. Porém com seis anos contrai a doença meningite e fiquei surda, mas isso não impediu de estudar mesmo com a política de exclusão daquela época.”

Diante desse argumento, percebe-se que a estrutura familiar foi muito importante para o processo de formação do sujeito A, principalmente para que a mesma se tornasse uma leitora de textos literários, mesmo após ter ficado surda. Já sobre a compreensão dos textos literários, a entrevistada revelou que a escola a incentiva a ler textos literários como paradidáticos, literatura infantil e fábulas que lhe atraíam pelas imagens: “As fábulas eu até compreendia, pois me levava ao imaginário... os paradidáticos. Alguns, sim, outros, não. Mas, literatura do Brasil como romances...Eu não entendia nada”. A partir dessa fala da entrevistada verifica-se que devido a surdez, ela tinha dificuldade de entender às construções metafóricas dos textos literários em língua portuguesa.

Percebe-se então, que o sujeito A, de acordo com Goldfeld (1997, p.33) foi ensinado de acordo com o oralismo, ou filosofia oralista, a qual usa a integração da criança surda à comunidade de ouvintes, dando-lhe condições de desenvolver a língua oral (no caso do Brasil, o português). Nota-se que o sujeito A, de acordo com Perlin (2013, p.64) pode ser classificado, de acordo com sua identidade, como

híbrido, pois nasceu ouvinte e com o passar do tempo se tornou surda por causa da meningite contraída aos 6 anos de idade.

Desse modo, esse tipo de identidade é instituída quando a pessoa nasce ouvinte, contudo, depois se torna surda. Neste caso, ela já passou pelo conhecimento da estrutura da língua portuguesa falada, mas passa a depender da língua de sinais para se comunicar. Assim, esse sujeito torna-se participativo seja no grupo de ouvintes ou em grupo de surdos.

Por conseguinte, observa-se que com o passar do tempo que o sujeito A ficou fluente em Língua Portuguesa e também em Libras, o que facilitou o acesso durante sua formação acadêmica à literatura. Assim, ao responder os questionamentos cinco e seis, nos cita que já teve contato com a “**literatura** visual, onde a figura central era o sujeito surdo”, textos literários como: “Rapunzel surda, Tibi e Joca, Chapeuzinho Vermelho surda, Cinderela surda, etc.” Diante dessa fala, Perlin e Strobel (2008, p.26) nos mostra que:

O encontro surdo-surdo representa, pois, a possibilidade de troca de significados de constituição de identidades. Assim, o outro igual, o mesmo, é aquele que usa a mesma língua e que consegue construir possibilidades de troca efetiva e compartilhar o processo político que significa e dá sentido.

É a partir desse contato com seus pares surdos que veremos as trocas de conhecimento cultural contadas pelas mãos, por meio de sinais, classificadores, expressões faciais e corporais passada de geração em geração, a história de vida de cada ser surdo, suas lutas e desafios ao longo do tempo.

Com relação, ao sujeito B, o processo e história vida é bem diferente do sujeito A, segundo seu relato baseado no primeiro questionamento, respondeu:

“sou filho de pais ouvintes e surdo desde a nascença, nasci na década de 60, devido a surdez demorei ler, tinha por volta de 12 anos de idade e ainda não sabia ler nada, pois tinha muita dificuldade em relação a língua portuguesa. Nesse período, não havia intérpretes de Libras, isso foi 1986 por aí, não tinha acessibilidade, eram aulas particulares. No entanto, tudo era em português e as disciplinas (biologia, ciências e matemática) na escola para surdos eram em português, isso me dificultava e eu tinha aula de reforço, pois tinha muita dificuldade na leitura”.

Nota-se com esse depoimento, que o Sujeito B, é surdo congênito, ou seja, a dificuldade é ainda maior, porquanto não ocorre a modalidade visual-espacial no seu processo de aquisição e tudo a sua volta está relacionado ao oralismo e não à Libras, ou seja, isso ocorreu por causa de seu seio familiar ser formado por ouvintes, ocasionando a dificuldade de comunicação e um tardio conhecimento sobre os textos literários.

Assim, conforme Quadros e Schmiedt (2006, p.17) o letramento das crianças surdas enquanto processo faz sentido se significado por meio da língua de sinais brasileira. Mesmo com todos esses percalços, o Sujeito B continuou seus estudos, aos 36 anos de idade, o entrevistado nos relatou que:

“comecei a fazer o curso de Letras/Libras e durante o curso o professor na época colocou na projeção do data show, uma imagem que tratava sobre a opressão de pessoas surdas, aí o professor pediu que a gente olhasse para aquela imagem que falava sobre o preconceito e repressão às pessoas surdas. Enfim, eram imagens que tinham mensagens metafóricas. E nesse dia com a explicação de um professor surdo eu consegui entender mais sobre que se tratava de um texto visual. Com relação à metáfora em texto mesmo é bem difícil. Porém, quando se trata de metáforas de um texto de linguagem visual para mim é mais fácil”.

Percebe-se após este relato que o entrevistado B se enquadra na Identidade Surda, a qual segundo Perlin (2013, p.63), “estão presentes no grupo pelo qual entram os surdos que fazem uso com experiência visual propriamente dita”. Neste caso, refere-se ao sujeito em questão, pois por meio da cultura visual de sua comunidade surda consegui compreender metáforas ocorridas pela troca de experiências viso-espacial, que antes com os textos voltados somente para a língua portuguesa não entendia o significado e o significante do contexto.

No que concerne a história vida da terceira entrevistada, nota-se a diferença do sujeito C e A, porém é parecida com o B, pois segundo o primeiro questionamento relata:

“sou surda desde nascença, nasci na década 90, meus pais são ouvintes, meu pai foi uma das pessoas responsáveis por me ensinar muitas coisas. Mas paralelamente eu aprendi muito, através da percepção visual”.

Neste caso, percebe-se que o Sujeito C tem a mesma identidade do Sujeito B que é a Identidade Surda, apesar de serem de três décadas diferentes, aprenderam da mesma forma, por meio da língua viso-espacial que “emergem do encontro contínuo de surdo com a sua comunidade. São nesses encontros que as identidades surdas eclodem pela troca de experiências e de conflitos que possibilitam uma ressignificação das próprias representações” (SÁ, 2002, p.101).

Entende-se que os sujeitos surdos entrevistados têm identidades surdas parecidas, a qual buscam representações possíveis da cultura surda. Neste sentido, tanto o sujeito B, como o C, lutam por espaços que respeitem e valorizem a cultura surda, por meio da Libras e conseqüentemente, possam eliminar as barreiras comunicacionais e também o acesso a textos literários acessíveis, contados ou traduzidos em Libras.

Karnopp (2010, p. 161) propões a respeito da Literatura Surda que trata sobre produção de textos literários em sinais, que “traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como fala, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente”. Mediante a essas discussões, observa-se na resposta do segundo questionamento a identidade surda bem enraizada na entrevistada C ao responder a quinta pergunta:

“Bom, do 1º ano ao 9º ano do ensino fundamental, eu não lia. Eu vim ler a partir do ensino médio, não era uma leitura frequente. Não! A minha literatura eu consegui participar dela, através da Língua Brasileira de Sinais, através da minha comunicação me despertou mais interesse. Então, na língua portuguesa ela não tem o mesmo valor que eu consigo encontrar na língua Brasileira de Sinais, eu sei que é interessante, essencial fazer essa leitura em português, só que é assim, sou apaixonada pela literatura visual”.

Sobre a entrevistada D, o processo e história vida é quase parecido com a entrevistada A, pois foi oralizada durante seu processo de aquisição de linguagem, nascida na década de 90, foi diagnosticada com surdez congênita e quando questionada sobre a primeira pergunta relata:

“Meus pais são ouvintes, e sou única filha surda deles, enquanto a minha alfabetização foi difícil, foi necessário de muita paciência para eu armazenar e adquirir a língua- portuguesa, além de estudar em casa, eu tinha reforço de manhã era mais para o desenvolvimento da fala e da leitura, estudava na escola, tinha acompanhamento médico, eu ficava totalmente rodeada pela língua-portuguesa, eu era estimulada a ler desde pequena, porém, fui aprendendo a compreender e a ler com 12 anos, foi um processo árduo.”

Nota-se que devido seus pais descobrirem desde cedo sobre a surdez influenciaram a entrevista D a ter uma vida oralizada, é o que percebemos segundo seu relato:

“Eu não suportava ler, não fazia sentido para mim, e era muito difícil, e ainda chegava em casa, para aprender a ler, todos os dias à noite, eu sentava na mesa com meus pais, eles associavam imagens, a palavra e pronúncia para facilitar o entendimento e lia gibis para ter algum resultado, pouco entendia. Para todos os momentos, utilizava aparelho auditivo com a esperança de ter algum contato sonoro, o que nunca ocorreu. Atualmente como leitor, com 12 anos, fui progredindo, passei a ter gosto pela leitura, passei a compreender, porém, algumas palavras são difíceis, mas aprendo e coloco no meu cotidiano e às vezes eu não entendo o contexto, me esforço para entender e peço ajuda, entendia pouco de metáfora, fui aprendendo aos poucos, para isso é necessário saber mais um pouco além do que está escrito. Outro fato importante, sempre que eu terminava de ler um livro, eu tinha que fazer um resumo em relação do que eu entendi daquele livro. E me tornei amante de livros devido aos esforços e devido ao apoio familiar. ”

Dessa forma, de acordo com o relato da aluna percebe-se que o aprendizado é tardio devido a várias situações que ocorrem durante o processo de aquisição da linguagem, nesse caso, a Libras foi deixada de lado o que dificultou o seu desenvolvimento, mas ao analisar essa citação nota-se que o avanço de cada pessoa surda depende basicamente da base familiar.

Assim, a identidade cultural do sujeito D, segundo Perlin (2002) é uma identidade de transição, na qual o contato dos surdos com a comunidade surda é tardio, o que faz passar da comunicação visual-oral (na maioria das vezes truncada) para a comunicação visual sinalizada – o surdo passa por um conflito cultural.

Partindo dessas entrevistas, percebeu-se que os sujeitos independentemente de suas identidades surdas, e principalmente com todas as suas dificuldades durante o seu processo educacional de se tornar um leitor literário, conseguiram conquistar

um espaço na sociedade seja ele pessoal ou profissional.

Mediante as análises das entrevistas, observou-se que a UFRA é uma conquista comum de ambos os Sujeitos, e atualmente, essa Universidade atende alunos surdos e ouvintes no curso de Letras/Libras intensivo e extensivo, possuindo em seu quadro de professores, surdos e ouvintes que são capacitados na Libras e em suas aulas usam todas as referências literárias visuais e incentivam os alunos a produzirem metodologias para alunos surdos, por meio de vídeos, jogos, plano de aulas adaptadas e criação de livros educativos. Esses tipos de materiais acessíveis sobre literatura ainda são muito escassos no estado do Pará.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1998. P. 26) definem o ensino de Literatura como um “exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua”, criado para dar condições aos jovens, surdos e ouvintes, terem acesso ao conjunto de conhecimentos que por meio de textos literários são cruciais para seu desenvolvimento.

Portanto, ao analisar as falas dos entrevistados percebe-se que essas condições curriculares não foram de fácil acesso aos surdos, pois o currículo escolar precisa ser revisto para que todos tenham acesso à literatura seja ela visual ou não.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as entrevistas realizadas para esta análise, percebemos que as escolas ainda precisam estar mais preparadas para receber o sujeito surdo e poder lhe propiciar a acessibilidade comunicacional, de direito. Notamos também, que o Brasil evoluiu muito nas últimas décadas em relação à inserção destes sujeitos nas escolas regulares e universidades, portanto há uma necessidade de ecebe-los de forma mais adequada às suas necessidades.

Para tanto, as escolas de educação básica e as instituições particulares, estaduais e federais de ensino precisam oferecer, no seu contexto acadêmico, uma educação voltada para o bilinguismo. É por meio desta proposta de educação bilíngue em todas as esferas da educação, que os sujeitos surdos terão acesso educacional de qualidade, e que por meio desse incentivo poderão criar suas próprias histórias de superação.

A pesquisa alcançou seu objetivo, respondendo os questionamentos impulsionadores da análise. Percebeu-se que, após o tratamento e análise dos depoimentos, a Instituição está no caminho certo, e pode servir como base para as outras instituições, pois a partir da disciplina de Literatura visual presente na grade do curso, os acadêmicos e futuros profissionais da educação, vão poder contribuir de forma significativa, por meio de metodologias acessíveis voltadas à construção

de sentidos, a partir de vários textos e contextos literários bilíngues e acessíveis.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 26 p.**

BRASIL. Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras.

BRASIL. **Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.**

GOLDFELD, Márcia. A Criança Surda: Linguagem e Cognição Numa Perspectiva Sócio-Interacionista. São Paulo: Plexus Editora, 1997.

KARNOPP, L. B. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. Caderno de Educação. Pelotas: Fae/ PPGE/UFPel, 2010.

PERLIN, G. As Diferentes Identidades Surdas. Revista da FENEIS. Ano IV. Número 14 abr./jun. de 2002. Disponível em <https://issuu.com/feneisbr/docs/revista_feneis_14>

PERLIN, G. O ser e o estar sendo surdos: Alteridade, diferença e identidade. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

PERLIN, Gladis T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. B. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin Lílian. **Fundamentos da Educação de Surdos. 2008.** Disponível em <http://libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/adl/fb/logs/Arquivos/textos/fundamentos/Fundamentos_da_Educ_Surdos.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. Língua Brasileira de Sinais: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L. P. Ideias para ensinar português para alunos surdos. Brasília, DF, MEC, SEESP, 2006. Disponível em: Acesso em: 30 jan. 2017.

SÁ, Nídia Regina Limeira. Cultura, Poder e Educação de Surdos. Manaus: Editora Universidade Federal do Amazonas, 2002.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abordagem pedagógica 113, 115

Afetividade 49, 65, 67, 68, 69, 70, 71

Alfabetização Científica 86, 88, 92, 93

Anos Finais 91, 149, 154

Antitumorais 142, 143, 144, 146, 148

Aprendizagem 4, 10, 11, 12, 14, 16, 17, 18, 19, 21, 26, 30, 33, 39, 42, 44, 48, 50, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 88, 92, 97, 98, 101, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 117, 122, 123, 150, 151, 152, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 166, 171, 173, 174, 175, 176, 177, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 190, 193, 195, 196, 198, 199, 200, 205, 208, 211, 214, 215, 216, 218, 219, 220, 223

Avaliação 149, 151, 154, 156, 158

C

Cães 142, 143, 144, 145, 147, 148

Ciências exatas 56, 57, 58, 61, 62, 63, 64

Contexto escolar 22, 23, 28, 113, 115, 159, 166

D

Desvantagens 104

Dialogicidade 2

Diário Online 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112

Divisão sexual do trabalho 57, 60, 62

Docência 15, 33, 43, 46, 51, 53, 54, 137, 211, 219

E

Educação de Jovens e Adultos 201, 202, 204, 210, 211

Educação Física 135, 136, 137, 138, 140, 141, 222

Educação Infantil 65, 66, 67, 68, 71, 72, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 102, 212, 213, 216, 222

EJA 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211

Eletrotécnica Industrial 56, 57, 58, 59, 62, 63

Emoções Negativas 43, 46, 49, 50, 51, 53, 55

Ensino-aprendizagem 19, 92, 104, 122, 173, 174, 176, 177, 186, 188, 190, 195, 196, 198, 199, 205, 208, 218, 220

Ensino de Astronomia 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Ensino de Libras com L2 179

Ensino distância 10

Extensão Universitária 1, 2, 4, 7, 8

F

Formação Continuada 38, 159, 201, 202, 203, 206, 207, 209, 210, 220, 222, 223, 225

Formação inicial 51, 94

G

Gênero 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 83, 84, 85, 95, 97, 98, 99, 102, 175, 191, 193, 198, 199

Genes antiapoptóticos 142, 143

I

Identidade social 73, 77, 84

Idosos 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 201, 205, 210, 217

Indisciplina na escola 43, 44, 46, 49, 53, 54

Inteligência Emocional 67, 71, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 122, 123, 124

IQE 149, 150, 160

L

Leitura 94, 172, 197, 198

Letramento digital 201, 202, 203, 204, 205, 206, 208, 209, 210, 211

Linfoma 142, 143, 144, 145, 146, 147

M

Matemática 62, 87, 88, 108, 130, 139, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 216, 222

Metodologia ativa 12, 14, 19, 113, 122

Metodologias ativas 9, 10, 11, 13, 16, 17, 18, 19, 115, 116, 182, 183, 186

Multicritério 9, 10, 11, 13, 14, 19, 20

N

Narrativa 135, 136, 140

P

Poesia 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102

Professora 30, 33, 34, 65, 113, 135, 136, 137, 139, 140, 162, 185, 201, 203, 204, 206, 209, 210, 211

R

Relação professor-aluno 48, 49, 50, 65, 71

Relato de experiência 1, 113, 123, 173, 178

Rizoma 135, 139, 140

Rutina Zinco 142, 143, 146

S

Sementes 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8

Sexualidade 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 83, 84, 225

Síndrome de Burnout 43, 45, 46, 47, 48, 49, 53, 54

Situações-problema 149, 151, 152, 153, 155, 156, 157, 158, 159

T

Tecnologias Digitais 104, 201, 202, 203, 204, 208, 210

Transgênero 73, 77, 79, 80, 83

V

Vantagens 104, 107, 117, 182

Violência 21, 26, 41, 42, 43, 49, 50, 53, 54

 **Atena**
Editora

2 0 2 0